

Sensação, percepção e entendimento: Peirce e a Teoria do Conhecimento

Carlos de Azambuja Rodrigues

Profº Associado da Escola de Belas Artes da UFRJ

Doutor em Comunicação e Cultura

Grupo IMAGINATA - Linha de Imagem e Cultura

PPGAV - Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da EBA/UFRJ

azambuja@eba.ufrj.br

Palavras-chave: Teoria do Conhecimento, Imagem, Cognição

Keywords: Theory of Knowledge, Image, Cognition

Sendo o mais remoto de nossos sentidos, aquele que nos trás (ou nos leva a) o que está mais longe, distante. A visão - e aquele fenômeno dela corrente: A Imagem - são, com justiça, associadas ao próprio ato do Conhecimento. Assim, para uma certa epistemologia, ver não é só uma forma de crer, mas também está na raiz de todo o que se pode saber e conhecer. E então, a própria imagem percebida, enquanto etapa do processo de cognição, é, através de suas conformações e modos de ser próprios, determinante na forma como o nosso conhecimento se dá. Este texto visa adentrar esta discussão a partir de Johannes Hessen e Pierce em um diálogo livre com Jean Piaget.

Prólogo sobre os sentidos

“Prefiro o que me vem pelos olhos”

Heráclito

O modo pelo qual conhecemos e nos comunicamos com o mundo à nossa volta, passa como observou o filósofo John Locke, pelos nossos sentidos¹ – não só, é verdade, mas também, obviamente – já que o nosso próprio corpo é a «prima (inter) faciem» através da qual experimentamos o mundo. E como também se sabe muito bem, o ser humano dispõe de cinco sentidos¹. Dois deles – o tato e o paladar – demandam um contato imediato com o objeto experimentado o qual efetivamente «toca» o nosso corpo, um terceiro – o olfato – já permite uma experiência um pouco mais remota daquilo com que entramos em contato, porém ainda

assim aquilo que nos chega como um cheiro qualquer são partículas emanadas pela presença física do objeto com o qual nos defrontamos – os odores são «essências» de alguma coisa. Restam-nos, assim, ainda os nossos dois sentidos mais remotos que são justamente aqueles que nos chegam através de mediações e que são, portanto, não-imediatos. A imagem e o som são nossos sentidos mais remotos, podemos olhar no céu para uma estrela que dista anos-luz de nós, como podemos também, numa escala um pouco mais próxima, ouvir o ruído de um carro acelerando na outra esquina ou um raio caindo a quilômetros de distância. O que é importante notar e que percebemos pela visão e audição não suscita necessariamente uma resposta imediata de nosso corpo, pois pode constituir-se num evento distante que nos chega através de «meios»: a luz e o ar, os quais, mesmo que emanem do objeto com o qual nos defrontamos, não significam a sua própria (e às vezes ameaçadora) presença. Deste modo, é no campo do que é audio-visual, que se pode estabelecer uma resposta mais lenta, analítica e racional, sobre a experiência que estamos vivenciando naquele instante, e ainda nos damos conta, também a partir da consciência desta mediação, do jogo das representações. Assim, é principalmente a partir da experiência audio-visual que podemos construir então as diversas *linguagens* – Os diversos sistemas de codificação-decodificação (e, conseqüentemente, de significação) dos «dados» que nos são oferecidos constantemente pelas coisas à nossa volta.

1. Sensação, percepção e entendimento

A experiência fenomenológica, que é o modo básico de experimentação de qualquer coisa que nos chega, pela sua própria presença, através dos nossos sentidos, é, portanto, primordialmente uma «sensação» que se tornará logo adiante numa «cognição». A estes dois extremos do processo de conhecimento de alguma coisa podemos acrescentar ainda – se não de fato mas talvez por direito – uma etapa intermediária, na qual nos damos racionalmente conta de que a sensação que estamos tendo naquele exato momento se deve a uma presença externa à nós, a qual em seguida, quase instantaneamente, será interpretada – segundo a bagagem intelectual disponível na nossa memória – e se transformará, por fim, num «entendimento» daquilo com que nos defrontamos. Neste texto denominaremos «sensação» ao estado primordial que domina nosso corpo no limiar de uma experiência; chamaremos de «percepção» o instante seguinte, quando nos damos conta de que algo externo ao nosso corpo é o agente causador daquele estado e, por fim de «entendimento» a atitude intelectual, já relativamente distante – no espaço e no tempo – da sensação, que analisa a experiência vivida

e lhe dá significado e sentido, segundo nosso repertório de informações (memória) e capacidade de decodificação (domínio da linguagem) dos dados percebidos.

Hoje em dia, na verdade, é sabido que os nossos diversos sentidos se superpõem e induzem entendimentos uns aos outros durante a vivência de um determinado fenômeno. É graças a isso, por exemplo, que o que se vê pode induzir uma pessoa a uma interpretação daquilo que se está ouvindo diferente do som que está sendo efetivamente gerado, como acontece no efeito «McGurk»². Portanto, devemos ressaltar aqui que nossa vivência de um determinado evento é mesmo «holística». Acabamos sempre por levar em consideração «tudo» o que o mundo à nossa volta nos oferece – o que nos é, portanto, justamente, sempre «dado» – pelo nosso aparato sensível e motor, o nosso corpo, na vivência de um evento qualquer, embora, seja fato também, que privilegiamos aquilo que nos vem pelos olhos, como escreveu Heráclito e está no «olho» inicial do presente texto. O que talvez explique então a prevalência da visão sobre a audição no já citado efeito «McGurk». Este possível «primado da visão», e conseqüentemente da imagem, que vale por «mil palavras», etc., está na raiz de uma certa concepção epistemológica ingênua, algo reducionista, que pode mesmo ser esboçada com base na semiótica pierceiana. Não cairemos nesta tentativa, não se deve mesmo dar ouvido ao canto das sireias, entretanto, a tipologia dos signos em Pierce nos convida ao exame de algumas de suas relações e limites frente ao conhecimento, como examinaremos a seguir.

2. A classificação Pierciana dos signos e as «etapas» do processo cognitivo segundo Piaget

Num outro texto (e contexto) referi-me às etapas da classificação pierciana dos signos e sua relação com a Teoria do Conhecimento de Hessen, nos seguintes termos:

«Este primado subjetivo da construção de uma imagem explica também a razão-de-ser do parti-pris introspectivo da classificação pierciana dos signos em quali-signo, sin-signo e legi-signo. O quali-signo corresponde a uma sensação em cuja a experiência não se consegue distinguir imediatamente a presença de um «outro» naquilo que se sente (ver o vermelho é como sentir uma dor, não reconheço imediatamente o agente que me causa a sensação), já num segundo momento, o do sin-signo, atentamos para a presença de algo que nos estimula daquele modo, naquele instante (vivo então a experiência, o fenômeno singular no qual percebo a presença de um outro, o que me produz imediatamente a busca de um significado e, implicitamente, o reconhecimento de que assisto a uma representação) e, por fim, remeto este encontro vivenciado ao conjunto de relações previamente estabelecidas na nossa cultura e na minha memória – as convenções e significações pré-existentes àquela experiência, eis o legi-signo.» (Azambuja Rodrigues, 2011, pág. 527)

No meu entender há também, e muito claramente, uma relação entre a classificação pierciana dos signos e estas «etapas cognitivas» esboçadas aqui anteriormente. O quali-Signo é uma «sensação», o Sin-Signo associado a uma «percepção» atual (e «singular» presente) e o Legi-signo é «entendimento», que cruza o evento com todo um conjunto de conceitos, idéias e significados anteriormente estabelecidos e guardados no nosso espírito. Assim, esta tipologia de signos parece estar diretamente relacionada, em suas etapas e características, com o próprio processo de cognição. Porém, resta indagar se o «ver», por si só, nos levaria a um correto «entendimento» de um dado fenômeno ou acontecimento. E para isso é necessário antes retornar e examinar melhor quais seriam as «etapas cognitivas», e por isso apelamos então para os estudos de um notório pesquisador suíço. Segundo Pierre Piaget, a capacidade cognitiva é desenvolvida gradualmente na infância, passando por quatro etapas que são, talvez, num certo sentido, semelhantes àquelas que descrevemos anteriormente. Na teoria piagetiana, temos inicialmente uma assim denominada fase «sensório-motora», que vai desde o nascimento até cerca dos dois anos de idade da criança; a etapa seguinte chamada de «período pré-operacional», que vai dos dois ao seis anos de idade; a seguir temos o «período operacional concreto» que vai dos 6 aos 12 anos; e, por fim, o «período operacional formal» que se estende dos doze ao indivíduo adulto. Não cabe aqui realizarmos uma análise detalhada destas diversas fases do desenvolvimento cognitivo humano propostas por Piaget, não é este nosso objetivo neste texto, nem temos a competência necessária para tanto, mas desejamos tão somente observar que, não por acaso, a teoria de Piaget, parte justamente de uma atividade sensório-motora na direção de uma capacidade cada vez maior de abstração do sujeito, que, quando adulto, já está plenamente apto a operar abstrações a partir daquilo que percebe, distanciando-se, assim, da mera sensação associada ao fenômeno que presencia. Curiosamente, esta evolução «construtiva» e paulatina no indivíduo na compreensão de conceitos apresentada por Piaget, guarda, portanto, certa semelhança – digamos de uma forma «fractal», partindo de uma duração mais breve ao longo do tempo – com o nosso próprio «entendimento» imediato, *i.e.*, com a maneira pela qual a cada instante ele sempre se dá, e ainda, também, com o modo como construímos significado e, conseqüentemente, os signos. Parece então haver aqui uma aproximação, bastante empírica, entre aquilo que Piaget entende por etapas de «construção» da cognição (e do conhecimento) e a tipologia de signos de Pierce.

3. O Conhecimento como questão e seus enigmas

Os intervalos de tempo internos no sujeito e suas «durações» (talvez relacionadas, ou mesmo calcadas, nos «ritmos cardianos»³, que segundo alguns parecem estar relacionados com um aspecto «sensorial» da glândula pinal) dão àquilo que se sente uma certa distância em relação ao objeto exterior responsável por uma sensação. Deste modo, como afirma Bergson, nossas próprias percepções são, de fato, «virtuais» frente àquilo que representam: pois passa-se um tempo (há uma *duração*) entre a sensação e a própria experiência fenomenológica vivenciada. E é nesta distância e neste intervalo, que se estabelece a representação, cria-se «uma imagem» e constroi-se a significação. Qualquer concepção de epistemologia, seja a de Piaget ou outra, irá reconhecer, pelo menos depois de Kant, os próprios limites do conhecimento e – no extremo – o seu carácter subjetivo, pois não há conhecimento sobre alguma coisa que seja «completo», nem estritamente «objetivo», uma vez que ele se dá *em* alguém, que é quem passa a conhecer ou saber algo. Este último carácter por si só explica então porque a epistemologia de Piaget se desdobra também numa pedagogia: conhecimento pode ser também fruto de um «despertar» no indivíduo, portanto, de uma «educação», daqueles – os únicos – que podem construí-lo e assimilá-lo: os seres humanos. Porém, vale ressaltar aqui o risco que representa a crença ingênua na possibilidade de obtenção um «pleno» e «total» conhecimento, presente numa certa vertente do positivismo contemporâneo: ela se assemelha mais a um ato de fé do que a uma atitude baseada em precisas premissas científicas, pois nela os seus pastores – os neo-Darwinistas que a abraçam – se aproximam perigosamente dos cléricos mais exaltados, já que seu discurso aparentemente se dirige a um «rebanho» e não às pessoas. Porém, por este caminho então não patrocina um saber, mas apenas se repercute uma doutrina. Esquecem-se assim, da velha lição do Estagirita sobre o saber: um novo saber levamos a um novo *não-saber*, ou seja o antigo «só sei, que nada sei».

O Conhecimento constitui uma *questão*, não um *problema*. Problemas são passíveis de – e sempre clamam por – uma solução, já as questões se desdobram sempre, apresentando a cada novo movimento novos aspectos, e podendo, legitimamente, ser abordadas por mais de um viés. Problemas se resolvem, questões evoluem. É por isso, com relação à cognição, por exemplo, que a «duração» – o *hiato temporal* que Bergson enxerga no contato de nossos corpos com o mundo à nossa volta – é algo que não demanda uma «solução», mas abre-se para muitas indagações sobre o tempo, a memória e o virtual (aquilo que é potência); e que, por sua vez, a «imagem» que surge no sujeito neste contato, instala um sistema de representação e referência, o qual, um tanto paradoxalmente, ao mesmo tempo que transporta

(μεταφορά) algo, marca nesta ação a sua própria distância dele. Contudo, é no caráter subjetivo deste fenômeno (o *fenômeno do conhecimento*) que surge uma interessante indagação relacionada àquela que Bergson propôs em *Matéria e Memória* quando afirmou: «...O que você tem de explicar, portanto, não é como uma percepção nasce, mas como ela se limita, já que seria, de direito, a imagem do todo, e ela se reduz, de fato, àquilo que interessa a você.» (Bergson, 1990, pág 28)

Assim podemos ainda perguntar: o que é que nos faz transformar um «dado» sensível em uma «informação» intelegível?⁴ Ou dito de outra forma, o que é «significar»? Além de preferir o que lhe vem «pelos olhos» Heráclito, também nos ensinou que nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio, pois as águas que ali estavam já passaram e nós também já não somos os mesmos: será então que uma imagem por mais que ela perdure e se mantenha *igual* é sempre a «mesma» a cada novo olhar?

Todas estas indagações e outras, que poderão ser corretamente formuladas, dão conta das dificuldades de uma afirmação categórica da *Verdade* ou de um *Conhecimento Verdadeiro*. E, vale lembrar, isso ocorre ainda num circuito em que as imagens – por sua própria natureza «representações» e, por isso mesmo, um certo paradoxo, já que ao mesmo tempo que transportam algo demarcam a distância da coisa transportada – desempenham um papel de importante protagonista. Entretanto, continuamos incessantemente na nossa busca pelo conhecimento do mundo, sobre nós mesmos e das coisas. Uma busca na qual, independentemente do método ou das premissas adotadas neste processo, sempre devolvemos ao mundo, que nos *dá* generosamente um conjunto de estímulos (seus «dados»), todo um conjunto de *significados*. No nosso encontro com o mundo ele nos dá as experiências, nós então o presentamos de volta com razão e sentido, e assim, desta comunhão, nasce tudo o que se pode saber.

Notas

1 – Trata-se da conhecida tese da mente como *Tabula Rasa*, contestada posteriormente por Kant que demonstrou haver tanto os conteúdos da experiência quanto os *a priori* em nossas mentes na constituição do conhecimento.

2 - O «efeito McGurk», descrito pelo psicólogo Harry McGurk em 1976, consiste no fato de um som emitido, em geral uma síbala, poder ser ouvido e interpretado de modo diferente, dependendo do movimento labial que está sendo observado durante sua execução. Há uma demonstração eloquente desta ilusão auditiva induzida pela visão no documentário da BBC/série Horizon: *Is Seeing Believing ?*, produzido em 2010.

3 - Os «ritmos cardianos» são os vulgarmente chamados «relógios biológicos» que controlam diversas atividades do nosso corpo, como o sono, etc. A Glândula Píenial, localizada no centro de nossos cérebros exerce, dentre outros atributos, a função de controle destes ritmos.

4 – Devo o uso desta terminologia «dados» *versus* «informação» a conversas com meu irmão, Paulo, que, profissional da área de informação e de sistemas, utiliza este termos e faz esta distinção com precisão. Eu já abordei esta mesma questão do sentido antes, em minha tese de doutorado, a partir da etimologia de *in forme*, como sendo algo «em formação», *i.e.* «ganhando forma», o que pode ser um caminho na afirmação da relação entre «dar forma» – expressão pertinente ao campo da arte, do qual sou oriundo – e «dar sentido», a alguma coisa.

Referências Bibliográficas

- AZAMBUJA RODRIGUES, Carlos de. *As Três Dimensões das Imagens*. Anais do IIIº ENEIMAGEM, Londrina, 2011.
- BERGSON, Henry. *Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1990
- HESSEN, Johannes. *Teoria do Conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- NÖTH, Winfried. *Panorama da Semiótica, de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume, 2005.
- PIAGET, Jean. *Epistemologia Genética* in *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.